



IV JORNADA DE
PESQUISA EM
PSICOLOGIA
DESAFIOS ATUAIS NAS
PRÁTICAS DA PSICOLOGIA

25 e 26 de novembro de 2011
UNISC - Santa Cruz do Sul

A RESSIGNIFICAÇÃO DA VIDA APÓS A APOSENTADORIA POR INVALIDEZ PERMANENTE

*Marcus Vinicius Castro Witczak
Pedrinho Arcides Guareschi*

Resumo

O escrito que se apresenta é um resumo da tese de doutorado de Marcus Vinicius Castro Witczak, intitulada "Nos olhos, no corpo e na boca: a resignificação da vida após a aposentadoria por invalidez permanente", produzida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), orientada pelo Professor Doutor Pedrinho Arcides Guareschi. Esse estudo situa-se teoricamente dentro da Psicologia Social Crítica, mais especificamente, no campo de análise das representações sociais (MOSCOVICI, 2003). A tese a ser defendida é que a resignificação do sujeito aposentado por invalidez decorrente de acidente do trabalho somente é possível através da produção de uma consciência crítica que rompa com a centralidade do conceito de trabalho. Concluiu-se que a resignificação da vida após a aposentadoria por invalidez permanente decorrente do acidente do trabalho passa, necessariamente, pelo Outro, pela comunidade e pela produção de uma consciência crítica.

Palavras-chave: Aposentadoria por Invalidez Permanente. Acidente do Trabalho. Representação Social.

RESIGNIFICATION OF LIFE AFTER RETIREMENT FOR PERMANENT DISABILITY

Abstract

The writing is a summary of the doctoral thesis of Marcus Vinicius Castro Witczak, titled "in the eyes, mouth and body: the resignificação of life after retirement for permanent disability", produced in the graduate program in psychology at the Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), directed by Dr. Pedrinho Arcides Guareschi. This focuses on permanent disability retirement and seeks to understand how the disabled reassign meaning to their lives and what devices they use. The growing number of occupational accidents in our country justifies this study. According to data from the Ministry of Social Welfare, in 2007 there were more than 650 thousand work-related accidents in Brazil, a 27.5% increase from the previous year. This paper is within the theoretical framework of Critical Social Psychology, more specifically, in the field of social representation analyses (MOSCOVICI, 2003). The thesis being defended is that the reassignment of meaning by the subject that has retired because of a work-related disability

is possible only through the production of a critical consciousness that breaks away from the centrality of the concept of work. This work is divided in three sections: The first is titled “Closing and reopening the eyes: would life without work be possible?” in which the main theoretical concepts that provide the foundation for this study are presented, connected and discussed. The second section – “Thinking through speech – the narrative and the production of meaning by retirees due to occupational accident disability” shows the correlation between the narrative interview (BAUER & GASKELL, 2002) and the signification triangles (GUARESCHI, 2004; MARKOVÁ, 2006; JOVCHELOVITCH, 2008) as a methodological possibility and presents two empirical cases. The third section – “When the body speaks”, brings up questions related to the body into the discussion and its possibility of providing resignification. The final considerations demonstrate how the reassignment of meaning to life after an occupational accident and the resulting permanent disability retirement passes necessarily through the Other, the community, and the production of a critical consciousness.

Introdução

O escrito que se apresenta é um resumo da tese de doutorado de Marcus Vinicius Castro Witczak, intitulada “Nos olhos, no corpo e na boca: a resignificação da vida após a aposentadoria por invalidez permanente”, produzida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), orientada pelo Professor Doutor Pedrinho Arcides Guareschi.

Os olhos, o corpo e a boca representam, em alegoria, a vida humana e tudo o que nesta pode ser vivido, desfrutado, celebrado. Mas que também é composta por relatos de dor, de angústias, de sofrimentos, de incompreensões, de abandonos e de redescobertas de si mesmo, fatos que não passam incólumes por ninguém. Os olhos simbolizam aqui o que podemos ver (ou não) das relações a que estamos submetidos. O corpo alude ao trabalho e a tudo o que este pode representar em nossa sociedade. A boca relaciona-se às palavras, a linguagem e a possibilidade de comunicação com o Outro. Mais do que um exercício acadêmico, neste texto, estas vozes estão todas presentes. Fizeram-se sentir nesse pesquisador, espero que ecoem em você também, leitor.

Cotidianamente, em nosso país e no mundo, os acidentes do trabalho matam e mutilam pessoas. Levam consigo mais do que a impossibilidade de se trabalhar: sonhos, esperanças, significações de vida e de si mesmo. Além de uma importante questão de Saúde Pública, é um reflexo da sociedade em que vivemos na qual a vida humana é tão pouco valorizada. Assim, a temática desta tese constituiu-se em entender os caminhos percorridos

pelas pessoas que se aposentam por invalidez em decorrência do acidente do trabalho em busca de ressignificação para as suas vidas.

Como objetivo principal deste estudo buscou-se entender como sujeitos acidentados do trabalho passam a ressignificar suas vidas após este evento e quais são os mecanismos subjetivos e sociais utilizados. A partir desse objetivo principal, foram formulados os seguintes objetivos:

- Entender como a centralidade do conceito de trabalho não permite que se visualize outras possibilidades de vida e como alguns conseguem romper com isso após o evento do acidente do trabalho que os levou a invalidez;
- Demonstrar como as pessoas aposentadas por invalidez decorrente de acidente do trabalho passam a ressignificar suas vidas a partir do Outro, da linguagem e da comunidade;
- Dimensionar como o corpo doente ou mutilado, que não pode mais trabalhar, é agora entendido pelo sujeito e os redirecionamentos que este produz;
- Discutir a relação entre o processo de ressignificação e a produção de uma consciência crítica.

Este estudo se justifica plenamente pelo número crescente de acidentes do trabalho em nosso país, que vitimam e expropriam as pessoas acidentadas. Dados do Ministério da Previdência Social apontam que durante o ano de 2007, foram registrados no Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) 653.090 acidentes do trabalho. Comparando-se aos números registrados em 2006, têm-se um aumento de vinte e sete e meio pontos percentuais (27,5%), devido à inclusão de acidentes do trabalho sem Comunicação de Acidente do Trabalho (CAT) emitida, ou seja, um significativo aumento real de cinco pontos percentuais (5%). Esses dados podem ser visualizados na tabela abaixo:

Tabela nº 1- Acidentes do trabalho, por situação do registro e motivo – 2006/2007.							
	Anos	QUANTIDADE DE ACIDENTES DO TRABALHO					
		Total	Com CAT registrada				Sem CAT
			Total	Motivo			
				Típico	Trajeto	Doença do Trabalho	
TOTAL	2006	512.232	512.232	407.426	74.636	30.170	–
	2007	653.090	514.135	414.785	78.564	20.786	138.955

FONTE: DATAPREV, CAT. NOTA: Os dados são preliminares, estando sujeitos a correções.

Adaptado de http://www.mpas.gov.br/arquivos/office/3_081210-105921-851.xls em 20/01/2009.

Da produção conceitual

Assumo a perspectiva que os acidentes do trabalho não são eventos de sorte, de culpa ou do destino, sendo socialmente determinados. Em consonância a esta idéia, Mendes (2002) afirma que a realidade que emerge do trabalho é aquela marcada pelo desemprego, desqualificação, transferência de riscos, desgastes de diferentes ordens, flexibilização dos direitos, exposição a diferentes formas de violência e precarização social ou ainda, pela banalização da vida (p. 330). As pessoas, então se submetem aos riscos inerentes a atividade profissional e assumem pressões de todas as ordens, que decorrem das condições e da organização do trabalho (DEJOURS, 1992, 1994; CODO, 2002) e que demarcam as diferentes formas de adoecimento físico e psíquico.

Define-se por acidente do trabalho aquele que ocorre pelo exercício do trabalho a serviço da empresa ou pelo exercício do trabalho dos segurados especiais, provocando lesão corporal ou perturbação funcional, permanente ou temporária, que cause a morte, a perda ou a redução da capacidade para o trabalho (Artigo 139 da Lei n.º 8.213, de 24.07.1991)

É considerado acidente do trabalho a doença profissional e a doença do trabalho. Equiparam-se também ao acidente do trabalho: o acidente ligado ao trabalho que, embora não tenha sido a causa única, haja contribuído diretamente para a ocorrência da lesão, certos acidentes sofridos pelo segurado no local e no horário de trabalho, a doença proveniente de contaminação acidental do empregado no exercício de sua atividade, e o acidente sofrido a serviço da empresa ou no trajeto entre a residência e o local de trabalho do segurado e vice-versa. (Artigos 140 e 141 da Lei n.º 8.213, de 24.07.1991)

Já, a aposentadoria por invalidez é o benefício concedido aos trabalhadores que, por doença ou acidente, forem considerados pela perícia médica da Previdência Social incapacitados para exercer suas atividades ou outro tipo de serviço que lhes garanta o sustento (PREVIDÊNCIA SOCIAL, 2007). A tabela abaixo apresenta um resumo dos principais conceitos envolvidos:

Tabela nº 2- Os tipos e definições de acidentes do trabalho e de incapacidade, segundo a Previdência Social	
Acidentes típicos	São os acidentes decorrentes da característica da atividade profissional desempenhada pelo acidentado.
Acidentes de trajeto	São os acidentes ocorridos no trajeto entre a residência e o local de trabalho do segurado e vice-versa.
Acidentes devidos à doença do trabalho	São os acidentes ocasionados por qualquer tipo de doença profissional peculiar a determinado ramo de atividade constante na tabela da Previdência Social.

Incapacidade temporária	Compreende os segurados que ficaram temporariamente incapacitados para o exercício de sua atividade laborativa.
Incapacidade permanente	Refere-se aos segurados que ficaram permanentemente incapacitados para o exercício laboral. A incapacidade permanente pode ser de dois tipos: parcial e total.

Adaptado de <http://www.mpas.gov.br> em 20/01/2009.

A tese a ser defendida é que a resignificação do sujeito aposentado por invalidez decorrente de acidente do trabalho somente é possível através da produção de uma consciência crítica que rompa com a centralidade do conceito de trabalho. E que esta consciência crítica se estabelece com o Outro¹, na comunidade e pela comunidade. A relação com o Outro é entendida no sentido de que o sujeito passa, através das questões do corpo, do trabalho de doação e da linguagem, a resignificar os sentidos de sua vida e possibilita a re-inserção social e a construção de novos objetivos para a sua existência, distanciados do trabalho remunerado. Na e pela comunidade é onde o sujeito reencontra-se e dá significado a sua história pessoal, onde é reconhecido por aquilo que ele é e onde se desenvolve e se exercita a consciência crítica.

Os conceitos e constructos da Psicologia Social Crítica orientaram esta escrita. A opção por este campo do conhecimento é o seu interesse na transformação social, entendendo o caráter histórico dos fenômenos psicossociais. Concebendo a realidade como uma construção coletiva dialética, preocupa-se com a perspectiva das maiorias, das minorias e das resistências. Busca romper com os princípios positivistas e funcionalistas de ciência, pois entende que se produzem conhecimentos e não verdades, como o queriam os psicólogos sociais norte-americanos. Critica a separação entre sujeito e objeto de pesquisa, como a dicotomia entre o que é interno e o que pode ser externo ao fato social tomado em si (GRISCI, 1998). Para tanto, foi concebida como um

campo que se hibridiza em interfaces com outras áreas (antropologia, psicanálise, esquizoanálise, lingüística, estudos culturais, de entre muitas outras) e vai tecendo articulações teóricas com a teoria (nas versões frankfurteanas em sua diversas expressões), preocupando-se com ideologia, cultura e comunicação de massa; com a teoria das representações sociais [...]; com a perspectiva foucaultiana [...] interpelando sujeitos através do discurso [...]; com o construcionismo social. E no debate sobre a pós-modernidade. (VERONESE, 2003, p. 20 e 21)

¹ A utilização do vocábulo Outro com a letra "O" maiúscula se refere a este ser de relação, ao terceiro em relação a todo diálogo (MILLER, 1987, p. 22).

Mais especificamente, situamos o campo de análise nas representações sociais (RS). Esta abordagem teórica visa entender a historicidade dos fatos e superar as dicotomias entre individual e social, ou entre subjetivo e objetivo, estando assim, plenamente em acordo com os pressupostos da Psicologia Social Crítica. Na verdade, não há uma única RS: elas são teorias sobre os saberes populares e do senso comum, elaboradas e compartilhadas coletivamente, com a finalidade de interpretar o real. Moscovici (2003) aponta que as RS visam tornar familiar o não familiar. Por serem dinâmicas, levam os indivíduos a produzir comportamentos e interações com o meio, ações que modificam os dois.

Na construção teórica desta tese muitos autores “participaram”. Entre eles, podemos destacar:

- Ivana Marková – com os sentidos da dialogicidade e na construção dos triângulos da significação;
- John Thompson – com o seu entendimento de ideologia como forma de dominação e a perspectiva da hermenêutica de profundidade;
- Jürguen Habermas – com os conceitos de mundo da vida, ação comunicativa e uma visão particular sobre os sentidos do trabalho;
- Michael Foucault – principalmente com os escritos de sua segunda fase, através das relações estabelecidas entre poder/saber, disciplinas e corpos dóceis;
- Pedrinho Guareschi – é voz ativa neste escrito, com diferentes aportes, entre eles as noções de cosmovisão discutidas, e os conceitos de relação, de ética, de comunicação de massas, de consumo, entre outros;
- Sandra Jovchelovitch – participa em diferentes momentos: no entendimento do que são representações sociais; na relação entre comunidade, o Outro e as narrativas; com Martin Bauer, na construção do método da entrevista narrativa aqui utilizada;
- Serge Moscovici – com a teoria das representações sociais, que fundamentam todo este trabalho;
- Paulo Freire – fundamentalmente com o entendimento do que é consciência e ética, e da constituição do processo de conscientização;
- Zigmunt Bauman – com a sua crítica ácida e sua visão *líquida* de mundo, perpassa esta construção em inúmeros conceitos.

Assume-se aqui o ser humano como um ser de relação (concebida como um direcionamento intrínseco ao Outro), ou seja, ninguém pode ser sozinho (GUARESCHI, 2004). Somos o resultado de todas as relações que estabelecemos: com o Outro e conosco mesmos; com a comunidade, num sentido mais estrito, e de uma sociedade globalizada; com a linguagem e a mídia, nas visões ideológicas de mundo que ela permite/transmite; com o entendimento de mundo proposto pela ciência e com aquele transmitido pelo senso comum. Também nos constituímos a partir de um corpo, em suas diferentes dimensões, e de todas as determinações que sobre ele possam ser produzidas.

Optou-se também por não se descrever todas as possibilidades conceituais que o trabalho pode assumir, focando (não reduzindo) a centralidade deste em nossas vidas. Pensando a sociedade de produção e consumo em que estamos inseridos, o trabalho e o trabalhar (em suas diferentes articulações) são elementos constitutivos da identidade de cada um de nós e dos processos de subjetivação a que estamos submetidos. As diferentes representações sociais, como formas de conhecer e de se situar no mundo, e as dimensões ideológicas, no sentido de dominação, fundamentam a discussão sobre este conceito. Daí decorrem também as concepções de não-trabalho e da aposentadoria por invalidez decorrente do acidente do trabalho.

Se os indivíduos se constituem em relação ao Outro, as RS, enquanto fenômeno simbólico, são expressões de pessoas para pessoas, sendo assim intencionais e convencionais. Isto é, elas envolvem sujeitos ativos que empregam códigos lingüísticos e contratos sociais de vários tipos (JOVCHELOVITCH, 2000). Dentro dessa perspectiva, o entendimento dialógico, ou a dialogicidade, é utilizado para que se possa ver as coisas de maneiras diferentes. Podemos pensar sobre as coisas de forma diversa e expressá-las em linguagem de acordo com as circunstâncias, experiências, motivos e intenções. O pensamento, portanto, ao invés de ser homogêneo ou monológico, é normalmente antinômico e dialógico. Nós somos capazes de combinar e usar nossas capacidades intelectuais de inúmeras maneiras e podemos expressar nossas idéias de modos variados usando palavras específicas, gestos e símbolos. (MARKOVÁ, 2006, p. 161)

A fonte deste repertório comum de saber está na comunidade: algo que perdura temporalmente e dá aos seus membros os referenciais e os parâmetros, a partir dos quais, indivíduos dão sentido ao mundo ao seu redor, no qual as suas histórias individuais podem ser conectadas a narrativas mais amplas da vida comunitária. O conhecimento comum

produzido pela comunidade oferece os nós associativos que geram a experiência de pertença. É a experiência do vínculo que produz a psicologia da pertença, o sentimento de que nos encaixamos em um meio cultural. (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 137 e 138). Estes repertórios são sempre dialógicos, plenos de sentidos e significados, podendo ser decompostos em RS (MOSCOVICI, 2003). Assim, ao ligar-se ao Outro, a vida de uma pessoa ganha um novo sentido. E é no mundo da vida intersubjetivamente compartilhado que as comunidades se ligam ao passado, ao presente e ao futuro, através da memória social, das representações sociais e das identidades sociais. É neste espaço que o triângulo da relação se estabelece. (JOVCHELOVITCH, 2008; MARKOVÁ, 2006; GUARESCHI, 2004).

Por nos constituirmos em uma comunidade, através (para e com) do Outro e nos ligarmos a estes através da linguagem, na qual tanto o trabalho e o trabalhar, quanto o acidente do trabalho e a aposentadoria por invalidez têm e produzem representações sociais, foi que se constituiu uma proposta metodológica que considerasse todos esses vieses, enquadrando-se estes conceitos dentro dessa perspectiva.

Da perspectiva metodológica

A entrevista narrativa, conforme o método explicitado por Bauer e Jovchelovicht (2002)² foi adotada para a coleta de dados. Ela é considerada uma forma de entrevista não-estruturada, de profundidade, com características específicas. Conceitualmente, a idéia de entrevista narrativa é motivada por uma crítica do esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas. No modo pergunta-resposta, o entrevistador está impondo estruturas em um sentido tríplice: a) selecionando o tema e os tópicos; b) ordenando as perguntas; c) verbalizando as perguntas com sua própria linguagem. Deve-se usar o mínimo possível a influência, evitando as pré-estruturas. Isto porque ela emprega um tipo específico de comunicação cotidiana, o contar e escutar uma história, para conseguir o objetivo.

Os procedimentos de análise das entrevistas gravadas seguiram os seguintes passos (BAUER e JOVCHELOVICH, 2002, p. 108):

1. Transcrição literal;
2. Análise estruturalista: focaliza os elementos formais da narrativa. (

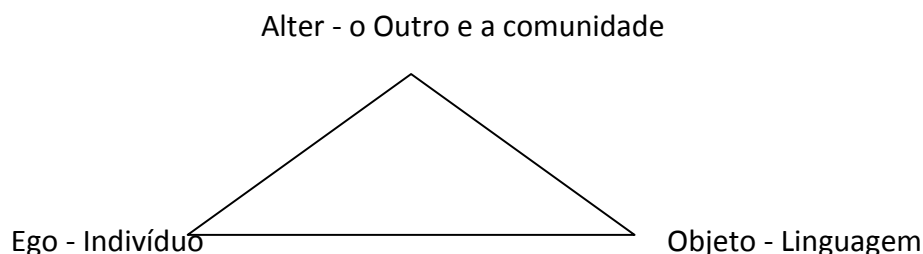
² A entrevista narrativa é classificada como um método de pesquisa qualitativa (Lamnek, 1989; Hatch & Wisniewski, 1995; Riesman, 1993; Flick, 1998. apud BAUER e JOVCHELOVICH, 2002)

3. Entendimento dos elementos constituintes de cada discurso;
4. Busca dos elementos gerais e específicos na totalidade das narrativas;
5. Conclusões finais.

Para as entrevistas não gravadas seguiu-se os mesmos passos, com exceção da etapa número 1, onde não houve a transcrição literal, e sim o aproveitamento dos dados escritos no diário de campo. Logo, o momento número 2 contou com um aspecto subjetivo do pesquisador muito mais evidente, pois se valeu dos aspectos por ele considerados mais relevantes quando da confecção do diário mesmo.

Partiu-se então para uma decomposição desses elementos constituintes do discurso em tríades significativas ou tríade dialógica: Alter-Ego-Objeto (MARKOVÁ, 2006). Nessa perspectiva interpretativa, o triângulo da mediação é a unidade básica de análise de como se constituem e se produzem as representações sociais. Os espaços do “entre” explicam a gênese dos fenômenos que constituem o indivíduo, a comunidade, a linguagem e o Outro (JOVCHELOVITCH, 2008), conforme esquema demonstrado no Quadro número 1, a seguir:

Quadro nº 1- O triângulo de significação.



No ponto central dessa figura localizou-se em primeiro lugar o conceito de trabalho, presente nas narrativas, e as composições possíveis. Em uma segunda leitura, substituiu-se trabalho por acidente do trabalho e aposentadoria por invalidez, verificando quais as novas possibilidades de significação. Após, foram comparadas as diferentes triangulações, e desse contraste, pode-se ver as ressignificações produzidas e perceber por que algumas pessoas conseguem produzir novos significados para o trabalho e o trabalhar, e outros não conseguem produzir este descolamento, retornando a posições anteriores.

Foram sujeitos desta pesquisa, pessoas aposentadas por invalidez decorrente de acidentes do trabalho, escolhidos independentemente de idade, sexo ou profissão. Efetivou-

se oito entrevistas, gravadas em meio eletrônico. A todos foi apresentado e lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no modelo do SISNEP e que foi aprovado pelo Conselho de Ética em Pesquisa da PUCRS.

Da esquematização da tese e apresentação de suas conclusões

A primeira seção intitula-se **“Do fechar e abrir os olhos: seria possível uma vida sem trabalho?”**. A proposta deste escrito é discutir a centralidade do conceito de trabalho e das determinações sociais e ideológicas daí decorrentes, questões tornadas invisíveis aos nossos olhos. O acidentado do trabalho, aposentado por invalidez, ao deparar-se com a impossibilidade de trabalhar, tem os seus olhos abertos à força. E, mesmo que não queira enxergar, vive uma dupla exclusão. A primeira, e que não mais se identifica com a história de sua vida, e, a segunda, é que muitos dos sentidos produzidos e assumidos do social até então, são esvaziados. Discute-se também, por que alguns conseguem ressignificar suas vidas, mantendo os olhos abertos, enquanto outros retornam à condição anterior, de olhos fechados. A comunidade, a linguagem e o Outro compõem essa possibilidade de ressignificação da vida. Utilizam-se os referenciais da Psicologia Social Crítica e das representações sociais como fundamentação teórica desta produção.

A segunda seção intitula-se **“Pensando pela boca – a narrativa e a produção de significados em aposentados por invalidez decorrente de acidente do trabalho”**. Tem-se por objetivo demonstrar como a entrevista narrativa (BAUER & GASKELL, 2002) pode ser uma excelente fonte de coleta de dados aliada ao entendimento do discurso, a partir dos triângulos de significação (GUARESCHI, 2004; MARKOVÁ, 2006; JOVCHELOVITCH, 2008). Serão apresentados dois casos empíricos que foram escolhidos por serem representativos de processos diferenciados de posicionamento frente ao sofrimento e da centralidade do conceito de trabalho após o acidente do trabalho que resulta em aposentadoria por invalidez. A seção discute também aspectos como o retorno à comunidade e o direcionamento ao Outro como possibilidades de ressignificar a própria vida. Investiga-se, finalmente, a formação de uma consciência crítica e de uma ética diferenciada frente aos valores do trabalho e do trabalhar.

A terceira seção intitula-se – **“Entre o consumo e o descarte: quando o corpo fala”**. Este escrito objetiva entender aquilo que o corpo fala e que o sujeito não quer saber. Está

constituído a partir da perspectiva da Psicologia Social Crítica, da metodologia da entrevista narrativa (BAUER & GASKELL, 2002) e dos triângulos de significação (GUARESCHI, 2004; MARKOVÁ, 2006; JOVCHELOVITCH, 2008). Utilizando recortes de falas de pessoas aposentadas por invalidez permanente decorrente de acidente do trabalho, se demonstra como os sentidos são apropriados pelo corpo e definidos a partir da comunidade. Os processos narrativos traduzem formas de ver, sentir e se situar no mundo. Dessa forma, podem ser decompostos em representações sociais que produzem e significam um corpo. A partir dessa perspectiva, busca-se entender como os sentidos do discurso produzido reproduzem um corpo, e como a perspectiva comunitária reorganiza esse mesmo discurso. E, o corpo fala quando todos os sentidos produzidos se tornam vazios, emergindo o sofrimento. A ressignificação da vida após a aposentadoria por invalidez permanente decorrente do acidente do trabalho passa, necessariamente, pelo Outro, pela comunidade e pela produção de uma consciência crítica.

Finalizando esta tese, pode-se pensar que questionando a centralidade do trabalho, chega-se a questionar também as formas de agir e pensar sobre aquilo que passa invisível aos olhos: todas as representações sociais que este conceito traz consigo, que legitimam práticas e saberes e que produzem identificações aos sujeitos que o realizam – os trabalhadores. E, frente a todas estas determinações, fica muito difícil traduzir plenamente o significado de ser trabalhador, na medida em que ele nos envolve e nos mantém.

Pois, ao se acidentar no trabalho o sujeito vê ruir por terra todo esse castelo de cartas que construiu para significar sua vida. Rompe-se com todas as certezas, desmoronam-se os sonhos, esvaziam-se as promessas e os significados que as orientavam. Assim sendo, resta a essa pessoa um corpo mutilado ou doente que não serve mais as pretensões capitalistas de trabalho e realização. A dor, o sofrimento, o suicídio aparecem como alternativas a quem não mais se reconhece dentro dos padrões que orientaram a vida e os conceitos assumidos até então. E é preciso continuar vivendo...

Por outro lado, que vida é essa na qual as significações que antes exaltavam o trabalho e o trabalhar, agora ressaltam a invalidez e a solidão? Tal questionamento nos leva a refletir e percebemos quão verdadeiras são as palavras, que certa vez ouvimos, porque retratam, com propriedade a situação do acidentado, ao afirmarem que a pior dimensão que a solidão pode assumir é aquela em que se está rodeado de pessoas e sozinho ao mesmo tempo. Eis uma versão correlata do sofrer – expressão do individualismo que se vive

atualmente, na qual as conquistas e vitórias são celebradas para, e não com, os Outros. As derrotas, da mesma forma, são de responsabilidade única do sujeito. Dentro desse quadro, o sujeito volta a se questionar: e, como viver assim? É preciso ressignificação.

Entendemos por ressignificação a possibilidade de atribuir novos sentidos àqueles conceitos instituídos, reificados, totais, que ideologicamente (no sentido de dominação - THOMPSON, 1995) transcrevem a vida e o viver. É preciso trocar as lentes que captam essa realidade, o que não é uma tarefa fácil. Faz-se necessário também, que se entenda o que foi captado, de uma forma diferente daquela a que se estava habituado, para que se produzam sentidos e atribuições diferentes daquilo que estava sempre ali, no entanto, era invisível. O ato de ressignificar-se, só é possível, dentro de um processo de formação de uma consciência crítica.

Freire define como consciência crítica (GUARESCHI, 1989) a compreensão das causas estruturais e históricas da sociedade em que se vive, associada a um compromisso político de mudança e responsabilidade social. Para que isso aconteça, é preciso entender a realidade social através de uma reflexão objetiva sobre ela. E como, o acidentado do trabalho que foi aposentado por invalidez permanente – sozinho e sofrendo – poderia fazê-lo? Como “arrebentar” com isso? Como encontrar novas lentes? Aqui entra de forma decisiva o Outro, a comunidade e a linguagem.

A ruptura de um *continuum* de vida que o acidente do trabalho produz é responsável pelos questionamentos que podem gerar um processo de conscientização. Os olhos, através do sofrer e da exclusão social, são abertos a estas questões que antes passavam despercebidas. No entanto, como se pode mantê-los abertos? Entendendo a realidade a sua volta, o sujeito passa a perceber que esse sofrimento e essa exclusão são frutos da mesma sociedade e dos conceitos através dos quais ele plenamente se identificava.

Ao refletir sobre sua situação, esta pessoa vê que existem muitos outros na mesma condição que a sua, que não está só e a que vida não acaba. No encontro deste Outro, ele pode se reencontrar. A ressignificação passa pelo trabalho de doação ao Outro que rompe com a lógica da produção, do lucro e do consumo. E, mesmo sendo doação, ainda é trabalho: mantém-se as identificações atribuídas ao trabalhar e ao ser trabalhador.

A comunidade é o local do mundo da vida (HABERMAS, 1992; JOVCHELOVITCH, 2008), onde se pode reencontrar os sentidos perdidos e o reconhecimento individual: ali o sujeito se reencontra com seu passado e sua história de vida. No entanto, a comunidade

também é um local de segurança e de proteção contra o “mundo lá fora” (BAUMAN, 2003). Protegido o sujeito não precisa enfrentar o que lá se coloca, tendo a aceitação de que necessita. Assim, não é preciso esse processo de enfrentamento do sofrer. As pessoas acabam por aceitar a sua condição e não se produzem ressignificações. Essas duas possibilidades foram demonstradas nesta tese. E a linguagem tem um papel determinante neste processo. É nela que se encontram todas as formas de expressar e significar o mundo. Também é através dela que se constroem as ressignificações possíveis. O processo narrativo estabelece a ligação da pessoa com a comunidade (de onde obtém os significantes necessários e se constituem os enredos) e com sua própria história (que ela reconstrói conforme pode e lhe interessa). Propõe um discurso permeado de todas as representações sociais, das quais se apropria e constrói versões da realidade. Fruto das relações que se estabelecem, a linguagem é a expressão da dialogicidade, já que acaba-se pensando pela boca.

Daí deriva a escolha da metodologia de coleta de dados através da entrevista narrativa (BAUER e JOVCHELOVITCH, 2002) e da interpretação através dos triângulos da significação (GUARESCHI, 2004; MARKOVÁ, 2006; JOVCHELOVITCH, 2008). A intenção era de constituir-se um entendimento que transcendesse ao discurso individual e que pudesse ser apreendido como uma produção coletiva, ou seja, numa representação social. Através dessa triangulação, decompueram-se as narrativas nas relações estabelecidas entre o indivíduo, a comunidade – o Outro, e a linguagem. Isso permitiu entender como se processam os sentidos do discurso e seus enunciados. E, de como estes produzem os próprios sujeitos, possibilitando ressignificações.

Quando as palavras não dão conta desses sentidos produzidos, o corpo fala: o processo de ressignificação também se expressa neste. A comunidade, ao produzir e garantir reconhecimento a essas pessoas, possibilita a constituição de novos sentidos para a vida e para o corpo, fugindo das determinações de um corpo consumo e de um trabalho no corpo. O trabalho de doação ao Outro complementa essa relação, pois rompe com as identificações de um corpo descarte, estabelecendo-se novamente um trabalho do corpo. E, a assunção de uma consciência crítica e de um posicionamento ético frente à vida, ao Outro e à comunidade, redimensiona as possibilidades da linguagem. Assim, o sujeito pode perceber-se de forma integral, pois não há mais espaço para um corpo “quase-lugar”. Pode-se, então, narrar novas histórias...

Referências

- BAUER, M. W. & JOVCHELOVITCH, S. A entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. & GASKELL, G. (ed) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Z.. *Comunidade – a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.
- CODO, W. e JACQUES, M. da G. (orgs) *Saúde mental & trabalho: leituras*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- DEJOURS, C.. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Oboré, 1992.
- DEJOURS, C. ABDOUCHELI, E. & JAYET, C.. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994.
- GRISCI, Carmen I. O. Trabalho, tempo e subjetividade: impactos da reestruturação produtiva. *Projeto de tese de Doutorado*. Porto Alegre, PUCRS, 1998.
- GUARESCHI, P. A.. *Psicologia Social Crítica: como prática de libertação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- GUARESCHI, P. A. & SUSIN, L. C.. *A consciência moral emergente*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1989.
- HABERMAS, J.. *Teoria de la accion comunicativa*. Madrid: Taurus, 1992.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil..* Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MILLER, J. A. *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jo, 1987.
- MARKOVÁ, Ivana. *Dialogicidade e representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- MOSCOVICI, S. A. *Representações sociais - investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- PREVIDÊNCIA SOCIAL. *Anuário Estatístico da Previdência Social 2007*. <http://www.mpas.gov.br> em 20/01/2009.
- VERONESE, M. V. *Na direção de uma psicologia social crítica do trabalho*, 2003. <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/191/191.pdf> em 20/01/2009.

THOMPSON, J. B.. *Ideologia e cultura moderna – teoria social crítica dos meios de comunicação em massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

Sobre os autores: Marcus Vinicius Castro Witzak é Doutor em Psicologia pela PUCRS, Professor Adjunto da Universidade de Santa Cruz do Sul. Endereço: Rua Alemanha, 405. Jardim Europa – Santa Cruz do Sul, RS. Fones: 5137134264 e 5184463496. Email: marcus@unisc.br

Pedrinho Arcides Guareschi é Pós-doutor em Ciências Sociais na Universidade de Cambridge (2002). Doutorado em Psicologia Social pela University Of Wisconsin At Madison, Estados Unidos(1980), Professor convidado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: pguareschi@pq.cnpq.br